

Quem é quem em Timor?

Bispos – A Igreja Católica, depois de algumas hesitações iniciais, desempenhou uma função fundamental durante a ocupação indonésia como refúgio face à repressão e de porta-voz no exterior, destacando-se a figura de *D. Carlos Filipe Ximenes Belo* (n. Wailakama em 1948). Terminado o seminário (1968), prosseguiu os seus estudos em Lisboa e Roma, sendo ordenado em 1980. Regressou a Timor (1981), como professor e depois director do colégio salesiano. Em 1983 foi designado sucessor de D. Martinho da Costa Lopes como administrador apostólico (só sendo sagrado bispo em 1988). Apesar das desconfianças do clero local, cedo deixou clara a sua independência face a Jacarta, denunciando num sermão (final de 1983) o massacre de Kraras. Em Fevereiro de 1989 em carta aberta ao presidente de Portugal, ao papa e ao secretário geral da ONU apelou à realização de um referendo em Timor. A partir de então começou a ser alvo de pressões e ameaças crescentes. Apostou na criação de uma rede de escolas primárias e secundárias em tetum e português e de uma rádio que contrariavam a política de indoneização. Recebeu prémio Nobel da paz em 1996. Em Setembro de 1999 procurou em vão oferecer um refúgio face à violência das milícias, tendo mesmo abandonado brevemente o território. Entretanto, havia sido criada a diocese de Baucau, para a qual foi nomeada outra figura destacada da resistência católica, *D. Basílio do Nascimento*. A influência católica na educação e saúde, e o prestígio adquirido na luta pela independência irão fazer deles dois elementos fundamentais nos próximos anos.

José Alexandre (Kai Rala Xanana) Gusmão – n. 1946 em Manatuto. Frequentou um liceu católico, e começou a trabalhar na administração e como professor. Em 1974 integrou a *Voz de Timor*. Aderiu à FRETILIN de que dirigiu o Departamento de Informação e fez parte do comité central (c. 80 membros). Quando este é praticamente dizimado no final dos anos 70, reorganiza a resistência, sendo eleito (Março de 1981) líder do partido. Iniciou então um esforço de unificação das várias correntes políticas timorenses, que culminou, (1988), na criação do CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere). Foi capturado em Dili (Novembro de 1992), onde comandava a resistência; mas transformou o seu julgamento numa oportunidade para dar visibilidade acrescida à luta pela independência. Definuiu então como



prioridades a internacionalização e indoneização do conflito (estabelecer pontes com os sectores indonésios pró-democracia); em Abril de 1998 foi designado por aclamação presidente do CNRT. A sua libertação coincidiu com o fim do regime que o aprisionava e com a libertação de Timor. Será naturalmente o primeiro presidente do novo estado. Tendo mostrado grande capacidade política

durante a resistência, cabe-lhe agora a difícil prova da gestão de um país com grandes carências, e em que a sua liderança será cada vez menos indiscutível.

Taur Matan Ruak – Depois do golpe psicológico representado pela captura de Xanana Gusmão em 1992, as forças indonésias apostaram na eliminação da resistência. O sucessor de Xanana à frente das FALINTIL, Ma'Huno foi capturado logo no ano seguinte. Coube a Konis Santana garantir a sobrevivência da luta armada até à sua morte (Março de 1998). Durante este período Matan Ruak assumiu funções cada vez mais destacadas face às dificuldades crescentes de saúde de Santana. Matan Ruak era furiel das forças portuguesas em Timor em 1974, e foi capturado em 1979 no âmbito das operações de cerco indonésias, mas conseguiu escapar ao fim de 23 dias. Em 1983 foi promovido a comandante do sector de Ponta Leste, passando a integrar o Estado Maior das FALINTIL. A sua experiência e sangue-frio ficaram demonstradas na acção de protecção à população sem responder a provocações durante os massacres de Setembro de 1999. Cabe-lhe hoje a difícil tarefa de dar corpo às Forças Armadas de Timor independente, com os poucos meios de um território em que a prioridade é o desenvolvimento, mas em que persistem importantes desafios à sua segurança.



José Ramos Horta – n. Dili em 1949. Frequentou a missão de Soibada. Dos seus 11 irmãos, 4 foram mortos durante a ocupação indonésia. Um dos pioneiros da resistência anti-colonial no final dos anos 60, foi exiliado nos Açores (1970-1971). Membro fundador da ASDT e do Comité Central da Fretelin, encarregue da representação no exterior, saiu de Timor a 4 de Outubro de 1975, três dias antes da invasão. Rapidamente se tornou o rosto no exterior da resistência timorense, tendo assumido a sua representação nos EUA e junto da ONU. Foi uma figura importante nos esforços no sentido da unificação das várias correntes. Em Dezembro de 1996 recebeu o prémio Nobel da paz. Regressou a

Timor no final de 1999. No governo estabelecido pela UNTAET foi ministro dos negócios estrangeiros, posto que mantém no governo pós-independência, pelo que lhe cabe dar resposta aos desafios de afirmação internacional de um pequeno estado, e de inserção num quadro regional em que todos se opunham, até à pouco, à sua emancipação.

Líderes partidários – A sociedade civil é um conceito com pouco sentido em Timor – se exceptuarmos os líderes tradicionais (os *liurais* ou reis tribais) e a Igreja Católica – com poucos quadros e muitos partidos. Por isso, os rostos principais da vida timorense nos próximos anos encontram-se nos principais partidos.

Destes destaca-se claramente a FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente), que apesar das oscilações ideológicas – actualmente afirma-se da esquerda socialista – foi a principal força a defender sempre a independência. Com Xanana e Ramos Horta de fora, é actualmente presidida por *Francisco Guterres (Lu Olo)*, veterano da resistência e secretário da comissão política durante a ocupação. Coube-lhe presidir à Assembleia



Constituinte eleita em 2000, cargo que continuou a exercer depois de esta se ter transformada na Assembleia da República. É *Mari Amule Bin Alhatiri*, como secretário geral, que assegura a condução política. Durante o período da ocupação foi um dos representantes no exterior da resistência, a par de ser professor de direito internacional em Moçambique. Exerceu as funções de ministro chefe do II governo de transição da UNTAET, e é o primeiro-ministro de Timor.

O segundo maior partido timorense é o Partido Democrático (PD), uma dissidência da FRETILIN – também de esquerda, e especialmente preocupada com uma real democratização. Concentra os quadros mais jovens e ligados à resistência estudantil. O seu líder foi secretário geral da Resistência Nacional dos Estudantes de Timor Leste (RENETIL) nos anos finais de ocupação. *Fernando de Araújo* é o mais jovem dos líderes partidários timorenses e a média etária dos que se agrupam em torno dele fazem do secretário geral do PD – que exerceu funções de vice-ministro dos negócios estrangeiros e cooperação no II governo de transição da UNTAET – uma figura a ter muito em conta para o futuro.



O terceiro partido mais votado – Associação Social-Democrata Timorense (ASDT) – é também uma dissidência da FRETILIN. Significativamente, dado o seu perfil mais centrista e o facto de agrupar vários quadros históricos foi recuperar a sigla adoptado em 1974 pela orga-



nização que no ano seguinte se transformou em FRETILIN. É dirigida por *Francisco Xavier dos Reis Amaral*, primeiro Presidente da República Democrática de Timor Leste (proclamada em 1975), e único concorrente nas presidenciais a par de Xanana Gusmão, figura com prestígio, sobretudo entre as camadas mais velhas.

Os dois outros partidos com mais de 5% dos votos, são ambos dirigidos por figuras destaçadas de uma das famílias com tradições na vida política timorense, no quadro do movimento alternativo à FRETILIN, a União Democrática Timorense (UDT). Inicialmente favorável a uma ampla autonomia, mas sob soberania portuguesa (até como protecção face à Indonésia), a UDT acabou, aparentemente fruto de provocações indonésias que semearam o receio de um golpe da FRETILIN, por desencadear, em Agosto de 1975, um golpe que levou à retirada portuguesa, à guerra civil e à invasão indonésia. Na frágil posição de refugiados no Timor indonésio os seus dirigentes acabaram por apoiar a anexão, de que se demarcaram perante a sangrenta repressão que a caracterizou. *João Viegas Carrascalão* é o actual presidente da UDT, de que foi membro fundador. Exerceu funções de ministro das Infraestruturas no governo de transição, pasta fundamental face à política de terra-queimada com que terminou a ocupação. Um seu irmão, *Mário Viegas Carrascalão*, é o presidente do Partido Social Democrata (PSD). Tendo sido também um dos dirigentes da UDT, ele ultrapassou agora em número de deputados o seu antigo partido. Enquanto governador (1982-1992) durante a ocupação indonésia, procurou reduzir as acções repressivas dos militares e manteve contactos com a resistência, favorecendo o diálogo. Por isso e pela sua reacção ao massacre de Santa Cruz foi afastado. Foi um dos vice-presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT). Na geração mais nova da família, destaca-se *Ángela Carrascalão*, que integra também a direcção do PSD.

